

*Discurso pronunciado por César Barros Leal na inauguração do Núcleo de Apoio ao Advogado e Assistência Judiciária, batizado o nome de Amadeu Barros Leal, na sede dos Juizados Especiais Federais, em Fortaleza (Rua João Carvalho 485 – Aldeota), no dia 25 de Junho de 2002.*

Recebi de meus irmãos, Ricardo, Amadeu, Vladimir, Clea, Regina e Heloísa, a incumbência, honrosa, de representá-los neste que é um momento muito especial para todos nós. Fá-lo-ei com a brevidade que se impõe e desde já registro, com ênfase, os parabéns à OAB pela inauguração do Núcleo, assim como nosso mais profundo agradecimento ao querido amigo Paulo Quezado, companheiro de muitos anos, insigne professor e advogado, pela saudação afetuosa, cativante e de intenso calor humano.

Esta é, sob todos os títulos, uma homenagem que nos toca, que nos sensibiliza bastante, não apenas por ser uma iniciativa da Presidência da OAB, da qual o homenageado foi Conselheiro, como também pela feliz escolha do local, o Núcleo de Apoio ao Advogado e Assistência Judiciária, na Sede dos Juizados Especiais Federais. Aqui, entre essas paredes, vem à nossa memória a atuação de nosso pai no âmbito da justiça federal, ao lado de Aldy Mentor, modelo de competência e profissionalismo para muitos de minha geração.

Verdade é que guardamos conosco as lições que nosso pai nos transmitiu no curso de sua vida, no exercício de múltiplas atividades em que sempre imprimiu um selo de dinamismo, de criatividade, de idealismo. Foram muitas as suas facetas: entre elas a de jornalista (fundador de jornais de títulos sugestivos, emblemáticos, como A Tesoura, A Navalha, O Bisturi, A Barricada, A Greve, A Luta, assim como responsável, na década de 50, pela coluna DE OLHOS ABERTOS, publicada no jornal O Estado, na qual, por vezes sob o pseudônimo de Spada, esgrimava contra os desmandos do governo, contra o conservadorismo, contra o autoritarismo, ao mesmo tempo em que enaltecia os que indigitava como Varões de Plutarco, aqueles que, em sua ótica, eram difíceis de encontrar, mesmo “de lanterna à mão, em dia de sol claro”); de radialista (foi Vice-Presidente da Rádio Dragão do Mar); de comerciante (idealizador, em 1938, de um concurso de álbuns com fotos dos jogadores integrantes dos principais clubes de futebol); de industrial (sócio da Diatomita Industrial Ltda e membro do Conselho Superior da União das Classes Produtoras do Ceará); de empresário (fundador, junto com Álvaro Mello, Rui Firmeza e Pedro Coelho, da Cinemar). A Cinemar era uma cadeia de cinemas, entre os quais o Cine Dois Irmãos (depois denominado Atapu), o Araçanga, o Samburá, o Jangada e o Toaçu, em cujas telas ousou desafiar o poderio econômico de Luis Severiano Ribeiro, inovando, quebrando tabus, especializando-se em mostrar filmes e festivais franceses, espanhóis, russos, tchecos, ingleses, japoneses e alemães (a Cinemar, aliás, foi a grande realização de sua vida, que o credenciou a receber, inclusive, uma homenagem do Festival de Fortaleza do Cinema Brasileiro, através do Prêmio

Samburá, num merecido reconhecimento de uma obra que, segundo José Augusto Lopes, em artigo publicado no Diário do Nordeste, em fevereiro de 2000, sinaliza uma “contribuição à cultura cearense que ainda não foi devidamente dimensionada e valorizada”). Como estudante de direito, deixou-nos a imagem de um jovem desassombrado, revolucionário, preso repetidas vezes, por suas idéias, pela defesa recorrente dos valores maiores da democracia, pelo repúdio à ditadura dos interesses escusos, pela crítica acerba aos abusos dos detentores do poder; anos depois, os Generais Manoel Cordeiro Neto e José Goes de Campos Barros, responsáveis por seu encarceramento, se tornaram amigos e prantearam sua morte. Por fim, guardamos as lições que nos transmitiu no exercício da profissão de advogado, durante os anos, longos e saudosos, em que compartilhamos o mesmo escritório, localizado no centro da cidade, onde, ainda hoje, meus irmãos Amadeu Filho e Vladimir mantêm suas bancas de advocacia. Diga-se, a esse propósito, que o bureau por ele utilizado durante décadas e depois por Vladimir hoje se encontra na Creche para crianças carentes que fundamos há nove anos e que tem seu nome, situada perto do Liceu do Ceará, onde foi aluno.

Foi ali, na Pedro Pereira número 166, num ambiente de grande densidade familiar, que fomos introduzidos ao universo do direito e iniciamos nossa aprendizagem no ofício de escrever, ora debruçando-nos sobre peças processuais, ora sobre textos literários, em que nosso pai fazia rotineiras incursões. Foi ali que aprendemos a valorizar a figura do advogado, do advogado militante, do advogado combativo, do advogado ético, e a reconhecer a extraordinária relevância do papel que lhe cumpre desenvolver numa sociedade marcada com o ferrete das desigualdades, da exclusão, da violência. Foi ali onde fizemos nosso estágio como estudante universitário, porquanto o escritório era reconhecido pela Ordem dos Advogados. Foi ali que despertamos nossa consciência profissional, sedimentando princípios que devem nortear a conduta de todos aqueles a quem impende, pelo código de ética e disciplina que nos rege, tendo em mente os mandamentos elencados por Rui Barbosa na Oração aos Moços, e que constituem a tábua de vocação do advogado, lutar aguerridamente pelo primado da justiça e pugnar pela observância da verdade, da liberdade, pelo respeito à lei, pelo cumprimento da Carta Maior, do Texto Supremo.

Na verdade, tal como pontuou nossa irmã Regina –, papai “foi um homem como tantos outros: pecou, errou, cometeu desatinos, fracassou em alguns projetos, teve momentos de desânimo, sofreu, chorou.” Entre suas virtudes, tinha a da retórica (era um orador talentoso e usufruí do privilégio de ouvi-lo enquanto menino, quando se candidatou à Câmara Municipal de Fortaleza e proclamava o slogan “prometo não ficar calado”, anunciando que havia passado uma procuração, inscrita no Cartório Martins, outorgando poderes a diretores de entidades de assistência ao menor abandonado, para receberem a totalidade de seus vencimentos, caso fosse eleito).

De temperamento forte, foi protagonista de um fato pitoresco, em Quixeramobim, sua terra natal, que faço questão de lembrar, até porque tem sido reproduzido amiúde com algumas distorções. O episódio foi narrado na imprensa por Lúcio Lima, a quem coube, por convocação de Ismael Pordeus,

fazer o discurso de inauguração do busto do Comendador José Nogueira de Amorim Garcia, um ilustre filho do município de Quixeramobim, que então comemorava seu centenário. Pois bem: naquela ocasião, quando o Governador Paulo Sarasate facultou a palavra, nosso pai, tomado daquela loucura breve de que nos falava Horácio, inconformado com a omissão e a injustiça cometida pelos organizadores das festividades do centenário, que não fizeram qualquer referência a seu avô, coronel João Paulino de Barros Leal, pediu a palavra e disparou: “... às 5 horas da tarde, numa das praças públicas de minha terra, inaugurar-se-á hoje o busto do Comendador José Nogueira de Amorim Garcia. Se o Comendador José Nogueira de Amorim Garcia merece um busto em praça pública, meu avô, Coronel João Paulino de Barros Leal, merece uma estátua inteira, urinando na cabeça do Comendador Garcia.”

“Carismático, viveu cercado de amigos. Era de sorriso aberto, alegre, e tinha um papo agradável. Gostava de conversar, de beber whisky, especialmente no Clube dos Advogados (do qual foi Diretor). Fumava muito e, vítima de um câncer no pulmão, foi-se, a rogo dos deuses, muito cedo de nosso convívio, gritando que não queria morrer, revoltado, como escreveu Regina, contra sua finitude. É que a morte, apesar de tudo, ainda não estava em seus planos; incansável, irrequieto, confessava que ainda tinha muito por fazer. Sua postura, nesse sentido, era a mesma de meu amigo Sergio García Ramírez, Ex-Procurador Geral da República do México, que certa vez nos confidenciou: “¿para qué dormir, si luego vamos a descansar por siglos?” Sua morte prematura nos leva a afirmar, como Álvares de Azevedo: “Que fatalidade, meu pai”. Embora nos console a advertência feita por Horácio de que morremos mas, para os que nos cercam, não morremos de todo. Afinal, como disse Fernando Pessoa, a morte é a curva da estrada. Morrer é apenas uma perspectiva de não ser visto.”

Como gostava de brincar, assim o fez até despedir-se para a suprema solidão a que aludia Unamuno, o que foi lembrado com insistência por quantos de sua família – e foram muitos – escreveram nos jornais após seu falecimento. Tia Amélia, esposa de seu irmão Antenor, recentemente falecido, observou: “no leito de dor, dizia brincadeiras e fazia rir. George Barros Leal Júnior, seu sobrinho, num texto memorável intitulado Mais Vivo do que Nunca, aduziu: “Até Deus ria com suas brincadeiras.”

No dia de sua morte, 10 de novembro de 1978, no bolso de seu pijama, um bilhete foi encontrado. Nele se lia: “Quero um caixão modestíssimo e cheio de carteiras de cigarro como protesto para exemplo.”

Senhoras e senhores: O legado maior de nosso pai, além de sua própria história, sofrida, suada, mas sobretudo corajosa e humana, segundo Regina, foi, como fez ver nosso irmão Amadeu Filho, seu “nome honrado, respeitado, do qual nos orgulhamos muito e o exibimos como um trunfo.”

Ao ver-lhe o retrato, apostado nesta sala, lembro-me, mais uma vez, de George Júnior: “Pois é, meu tio, você agora só pode ser visto por nós em fotografias, estático, parado, mas parece que olhando pra gente.” Ocorre-me, em seguida, a entrevista que papai deu, muitos anos antes de sua morte, ao jornal O Estado, e

que concluiu dizendo: “Eu odeio a ingratidão (odeio o ingrato, esse tipo peçonhento, abjeto, que, na linguagem de Renato Saldon, “não vive entre os pássaros porque seu vôo é rasteiro e não alcança o infinito”). Eu debocho dos intrigantes. Eu rio dos invejosos. Veja o meu retrato. Ele está falando...”

*Nota do organizador: O presente discurso, degravado, foi objeto de pequenas alterações.*